

Adoptado (com justiça crítica) pela Europa, Nick Cave é o ícone da música independente oriunda da Austrália, os mesmos continentes que com a América (e esta sobretudo) não lograram subtrair de um mero e escasso aplauso crítico e do culto de fãs fiéis os outrossim maravilhosos Go-Betweens e Triffids. Ainda que irregular, ambas as discografias honram o património da música popular. Para ajudar à lenda, as suas forças motrizes (respectivamente Grant McLennan e David McComb) morreram prematuramente, desencantados e doentes, objecto de sentidos obituários por parte de uma pequena imprensa que sempre os adorou e pouco mais.

Abundam na História da Música Popular os casos trágicos de autores malditos, suicídios, mortes prematuras e reconhecimentos que tardam – Robert Johnson, Marc Bolan, Jimi Hendrix, Tim e Jeff Buckley, Jim Morrison, Sandy Denny, Ian Curtis, Adrian Borland (The Sound), Kurt Cobain, etc.

Compositor e *performer* genial (e contar-se-ão pelos dedos as vezes que **Discopatia** usou o adjectivo em 18 anos de escrícticas) David McComb (1962-1999) morreu em semianonimato na Austrália natal, não conhecendo em vida a consagração e a fama devidas e proporcionais ao seu enorme talento. Com a sua banda The Triffids, McComb assinou e interpretou algumas das melhores canções *pop* dos anos 80. Inesquecíveis e ignoradas!

A reedição da trilogia fundamental dos Triffids – *Born Sandy Devotional*, *In the Pines* e *Calenture* – em edições aumentadas e contendo os habituais e preciosos inéditos (guloseimas de deixar os fãs a salivar) é um dos grandes acontecimentos editoriais do ano,

## The Triffids, *in memoriam*

*Morre jovem quem os deuses amam*



constituindo uma oportunidade ímpar de o leitor compor a sua discoteca básica de música popular com a discografia de uma das bandas mais injustamente menosprezadas da História.

O quê, só tem paciência para o YouTube? O.K. procure o vídeo de *Wide Open Road* ou o de *Save What You Can* (menos interessante, por não figurar a banda) e deixe-se também enfeitiçar lentamente pela arte e a beleza condenada de McComb. Uma vez embalado e rendido, e apoiado nas **Discopatias** 128 e 180, prolongue o sortilégio da aventura magnífica com a descoberta da tocante discografia dos Go-Betweens.

Por uma vez que seja, acredite em **Discopatia**.

### David McComb

David nasceu em 1962 em Perth, a cidade mais isolada da Austrália, circunstância que informará muitas das letras das suas canções, lidando amiúde com o fascínio pelos grandes espaços desertos, caracteres inadequados e a solidão.

Na escola forma a primeira encarnação de uns Triffids que se deslocam para Sidney, *where things happen*, gravando o primeiro álbum *Treeless Plain* em 1983. Um ano mais tarde transferem-se para Inglaterra onde gravarão o já referido *corpus* fundamental da sua discografia (os três álbuns citados<sup>1</sup> mais *The Black Swan*, o mal amado canto do cisne, de 1989).

Anos de *tournées* consecutivas e algum ressentimento pela ausência



de sucesso comercial levam McComb a um intervalo nas actividades dos Triffids, aproveitado para gravações com o projecto lateral *The Black-Eyed Susans*, onde assume deliberadamente um papel menos importante na economia de grupo. Em 1994 publica o seu único e magnífico álbum a solo, *Love of Will* (ver abaixo).

Desencantado com o *show-business*, retira-se para a Austrália onde se licencia em História da Arte e trabalha como crítico de rádio e para a edição local da *Rolling Stone*. Em 1998 formou uma pequena banda, os Costar, operando apenas em Melbourne devido ao estado físico precário de David.

Problemas crónicos de saúde (coração, coluna vertebral, sistema respiratório), potenciados pelo explosivo e imoderado *cocktail* de anfetaminas, heroína e álcool, afectaram sempre McComb, objecto de um mal sucedido transplante cardíaco em 1996. Em 1999 sofre um acidente automóvel que o envia para o hospital, de onde tem alta no dia seguinte para vir a falecer três dias depois, a 2 de Fevereiro.

Uma série desgarrada de eventos vêm perpetuando a memória de McComb – nomeação póstuma para

o West Australian Music Industry Hall of Fame, reformação pontual dos Triffids, lápide descerrada nos estúdios ingleses onde gravaram *Born Sandy Devotional* (quotizada pelos 1000 membros do clube de fãs da

**DAVID McCOMB LOVE OF WILL**



banda). Mais celebratórias e duradouras são as presentes reedições, a cargo de uma Edel infatigável e de inatacável bom gosto, de que **Discopatia** vos dá emocionante notícia, enquanto aguarda como pão para a boca os prometidos inéditos finais de David com os Costar.

**The Triffids  
a) Biografia**

Em finais dos anos 70, em Perth, nascem os Triffids, banda que até 1990 se encarregará de dar a conhecer à saciedade as canções de um dos mais inspirados autores-intérpretes em língua inglesa, David McComb.

Surgidos na fase tardia do *punk* inglês, os Triffids colhem alguma inspiração em bandas de canções como os Echo & Bunnymen (de que posteriormente assegurarão as primeiras partes de espectáculos) e na melhor *New Wave* de N. York (Television, Talking Heads). Como nos criadores de eleição, estas são meras referências, os Triffids enjeitam comparações, quedando-se na História como mais um dos casos em que a originalidade não recompensa. Mick Houghton, um dos seus agentes dos primeiros tempos, oferece a sua razão para a falta da consagração devida: «*Too damn good, too fucking original*».

As suas primeiras gravações relevantes datam do período 1983-85: o álbum *Treeless Plain*, o mini-LP *Raining Pleasure* e o EP *Field of Glass*, todos registados para a australiana Hot Records e com produção dos próprios músicos. Um sumário *Best Of* desta trilogia foi reunido no álbum *Love in Bright Landscapes*, introdução ideal às sonoridades iniciais da banda, dividido em duas faces (na minha preciosa edição em vinilo) crismadas como *Dry* e *Wet* e cujo único demérito é a sua exiguidade – umas meras 10 faixas a deixarem o iniciado na obra do agrupamento com água na boca e curioso pelo muito que não ouviu.

Em *Love in Bright Landscapes* já se reconhece o fermento que enformará toda a futura produção dos Triffids: maravilhosas canções de um maravilhoso autor-intérprete à volta de quem se reunirá um grupo de amigos e fiéis da música popular, como o seu irmão Robert e a teclista Jill Birt, que amiúde contribuirá com encantadores interlúdios vocais (na linha das vocalistas secundárias de grandes bandas como Nico e, talvez mais pertinentemente, Maureen Tucker – e a evocação dos Velvet Underground não é mera coincidência). Também aqui se estreia «*Evil*» Graham Lee, músico tão influente em toda a história do som Triffid, traduzindo com a sua *pedal steel guitar* a atracção de David McComb pela *country*.

**b) Born Sandy Devotional  
(Domino, distribuição Edel)**

Pese o interesse indiscutível destas primeiras gravações (*Love in Bright*

*Landscapes* é indispensável para os mais curiosos pelo grupo), o capítulo seguinte, *Born Sandy Devotional* (1986), é um prodigioso salto em frente, com a elaborada produção de Gil Norton, o cuidado nos (sóbrios) arranjos de cordas e o perfume *country*.

Em *Born...* há as primeiras obras-primas de música popular saídas da pena de David McComb – *Seabirds* (um dos mais gloriosos temas de abertura de um álbum na história do rock), *Wide Open Road*, *Tender is the Night*. Por então o grupo transferira-se de Sydney para Londres e alguma da tensão nostálgica do abandono da terra natal reflectir-se-á nas letras confesionais e dramáticas de David, obsesionado pela evocação dos vastos e desolados espaços das planícies australianas (e a sua correlação poética e metafórica com o isolamento humano e as distâncias entre pessoas), as estradas, as viagens, o oceano...

Cuidadosamente supervisionada pelo antigo membro Graham Lee, a reedição de *Born...* inclui um precioso livrete com letras manuscritas das canções e reprodução do bloco-de-notas de David, precioso *insight* sobre a personalidade e gostos (musicais e literários) do autor, o seu sentido de humor, o perfeccionismo e a devoção a uma arte com quem travara um abraço de fogo.

Ao imaculado alinhamento original de dez temas juntam-se mais nove, sobretudo *demos* da época, *sketches* rugosos e negros longe do prazer melódico convocado para a versão comercial, retrato cativante do artista no seu *atelier*, como a versão gloriosamente imperfeita e quase perdida do título-tema, antes excluída e apenas recuperada para o álbum caseiro, *In the Pines*.

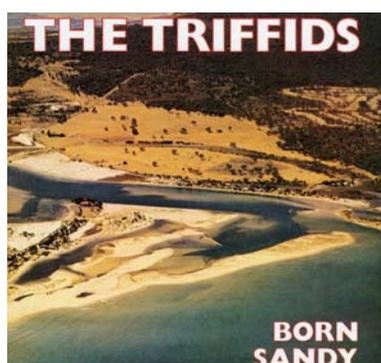
Como cereja no bolo, a edição remasterizada faculta também outro superior *video-clip* de *Wide Open Road*, os Triffids ao vivo em Perth em 1987.

*Born Sandy Devotional* é o primeiro grande álbum dos Triffids, a que faltará uma brilhante consistência, antecipando, ainda assim, o esplendor futuro e David McComb um *beautiful loser* com tudo para ser uma *star* – as canções, a voz, *the looks*.

### c) In The Pines (Domino, distr. Edel)

No mesmo ano da edição de *Born Sandy Devotional* (1986)... os Triffids regressam por uma semana à Austrália retirando-se com a *troupe* de amigos e (poucos) técnicos para um celeiro isolado na costa ocidental (a menos *in*) da Austrália aí gravando em ambiente ultra-informal *In the Pines*, registado num gravador de oito pistas com um orçamento de cerca de \$1000 (dos quais 340 para bebida).

O álbum é uma tocante reacção ao elaborado trabalho de estúdio anterior, encantador parêntesis de descompressão com a ficha técnica dando conta de créditos musicais tão insólitos como vassouras varrendo o chão ou bidões com água percutidos. Entre os temas contam-se temas curtíssimos (*25 to 5*), uma desbundada *drinking song* (*Once a Day*) e rascunhos



antecipativos da futura obra-prima de estúdio, *Calenture*. Não se infira por aqui alguma indulgência no capítulo do material. Um David McComb em permanente estado de graça assina mais um punhado de belas composições que não necessitam de uma produção luxuriante para se afirmarem.

Em rigor, *In the Pines* nem foi objecto de uma produção no sentido tradicional do termo, antes «produção após o encontro». A instrumentação sumária permite relevar mais a voz e as inspiradas canções de McComb, uma *country-folk* esquelética mas sempre calorosa e humanizada.

Os bónus desta reedição constituem uma mais-valia incalculável para os fãs, já que recuperam, na sua forma primitiva e despida (e inédita), quatro temas apenas revelados em

*Calenture*, entre os quais o climático *Jerdacuttup Man*, quiçá o zénite biográfico da escrita de David.

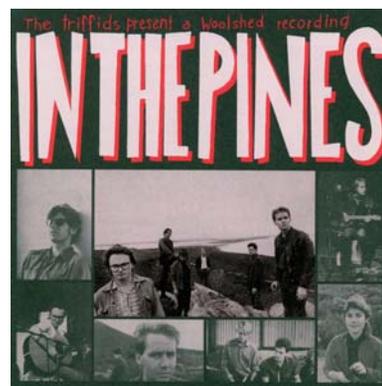
*In the Pines* está para a discografia dos Triffids como as *Basement Tapes* para a de Bob Dylan. Por outras palavras, um afectuoso *must*.

### d) Calenture (Domino, distr. Edel)

Em 1987 a banda assina pela prestigiada Island, sensibilizados pela excelência do catálogo desta *major*, abandonando a pequena independente Hot Records para quem haviam registado o grosso da obra anterior. Logo nesse ano encetam a gravação de *Calenture*, surgido em 1988.

*Calenture* é a obra-prima dos Triffids, um daqueles discos intemporais a levar para a ilha deserta, ponto de referência incontornável da melhor *pop* de língua inglesa. Nunca a escrita de David foi tão terna, os temas impossíveis de destacar das baladas plangentes como *Save What You Can*, *A Trick of the Light* e *Blinder By the Hour* aos mais intensos *Vagabond Holes* e *Kelly's Blues* ou o ironicamente irresistível *Jerdacuttup Man*. O reduzido impacto comercial de *Calenture* constitui uma das injustiças históricas da música popular, álbum que merecia ser de cabeceira para qualquer aprendiz de escrita *pop*. Cinco, dez, uma constelação de estrelas.

20 anos transcorridos *Calenture* não perdeu um grama do seu encanto, sendo o disco mais densamente orquestrado e



produzido da discografia dos Triffids, após o singelo *lo-fi* doméstico de *In the Pines*. A legião de *hits* virtuais e belas canções de três minutos logram manter

## DISCOPATIA The Triffids, in memoriam

uma frescura intemporal, denunciando a sensibilidade romântica de um David McComb não mais lançando as vistas para os inóspitos espaços australianos antes para a coita d'amor pessoal.

A edição dupla inclui no primeiro CD cinco temas de época recuperados de EP's, a maioria lados-B de *singles* retirados do álbum original. Nem fundamentais, distantes do esplendor melódico de *Calenture*, nem dispensáveis, bons temas que farão as delícias de fãs completistas como **Discopatia**.

Para estes mesmos fãs, o segundo CD é a jóia da coroa e valerá por si só esta reedição. Trata-se de um conjunto de *demos* da maioria dos temas de *Calenture*, apresentados na beleza nua das canções entregues a elas-próprias, sem acrescentados artifícios ou maquiagem rigorosa (i.e. a produção FM e competente de Gil Norton). Desarmante e incontornável.

### e) O canto do cisne

Em finais de 1988 os Triffids gravam com Stephen Street o que viria a ser o seu último álbum de estúdio. *The Black Swan* foi, isso sim, o seu canto do cisne, álbum que passeia inquieto por uma multitude de estilos e elementos: o *jazz* de cabaré, a valsa *pop*, o *western*, os *blues*, com cordas, *bazoukis*, acordeões e vocais da cantora de ópera Rita Menendez. Tamanha dispersão é sintomática dos caminhos díspares que se deparavam a uma banda à beira da fragmentação. Os temas de McComb tampouco são dos mais memoráveis, fazendo de *The Black Swan* um epitáfio honesto e interessante da carreira de estúdio dos Triffids, ainda que distante da glória passada.

Desiludidos com o nulo apelo comercial dos seus álbuns, os Triffids apenas publicarão um disco mais, um álbum ao vivo para cumprir contrato. *Stockholm* não é, contudo, uma mera formalidade, antes um bom exemplo do potencial do grupo, cru e energético quando se tratava de «rockar», sensível nas baladas.

Nenhum lar de discófilo que se preze se pode dar ao luxo de não possuir um álbum dos Triffids, quiçá a mais

maravilhosa do enorme contingente de bandas saídas da Austrália desde os anos 70. Que me desculpem os incondicionais (entre os quais se conta, pois claro, **Discopatia**) dos Saints, Church, Birthday Party, Go-Betweens, Nick Cave & Bad Seeds e, porque não, dos INXS.

A Mushroom Records, já antes responsável pela primeira edição em CD da obra dos Triffids, compilou um *Best Of* dos Triffids a que chamou imaginativamente *Australian Melodrama* (2002), o qual cobre a era dourada da banda e cujo maior defeito será a ausência de material informativo em detrimento de uma ampla cobertura fotográfica no livrete. Se uma das virtudes das compilações é o aguçar da boca para o conhecimento da obra, nunca isso foi tão verdade como no caso de *Australian Melodrama* e dos Triffids, a banda superlativa de David McComb para cujos méritos escasseiam os adjectivos.

### Love of will – David McComb (Mushroom)

Cinco (longos) anos mediarão entre a desagregação dos Triffids e a publicação de material original de McComb. Durante esse período David voltou à Austrália, onde consta que haverá tocado com músicos nativos, embora não se possam exibir registos áudio de tal iniciativa. Em 1994 veio finalmente a lume o que *fans* incondicionais dos Triffids aguardavam como pão para a boca: o primeiro e grande álbum a solo de David McComb, que nos devolve o prazer de reencontrar um dos mais inspirados escritores de canções *pop* na primeira pessoa, ele próprio aparentemente reconciliado com o prazer da escrita.

A existirem ainda os Triffids, *Love of Will* poderia ser o seu derradeiro álbum, colecção de arrebadoras melodias e *hits* potenciais, clássicas e trauteáveis canções de refrão ainda que não imediatistas. Uma certa inacessibilidade presidirá mesmo à primeira audição, mas o tempo desvanecerá as dificuldades, com repetidas audições a insinuarem o disco como uma droga potente a que apetece sempre voltar.

Para a gravação de *Love of Will* (efectuada em Melbourne), McComb rodeou-se de alguns fiéis: o baixista Martyn Casey, o engenheiro de som Nick Mainsbridge (que não produzia David McComb há dez anos) e o insubstituível «Evil» Graham Lee, sempre o tradutor competente da



apetência de McComb pela *country*. Alguma pontual sobreprodução ou excesso de efeitos não prejudica o óbvio: estamos em presença das mais belas e cuidadas canções do autor desde os tempos áureos de *Calenture*.

Liricamente *Love of Will* trata de temas caros a McComb como o amor e a traição, as pequenas perversões e crueldades domésticas e bizarras sexuais:

– So just for old times' sake, put yourself above me  
you know I like it when you do that to me

O antigo gosto pelo espiritualismo está igualmente presente através do que se pode designar como misticismo iconoclasta – a freira maquiada em tonalidades de vídeo-porno (os excertos fotográficos da película *Black Narcissus*) do livrete; a Luz intensa (divina?) do Alto que cega (na capa); a vontade de Crer que remete ainda e sempre para a questão ontológica (*The Lord Burns Every Clue*).

David McComb é um autor com a consciência do destino único, um James Dean da *pop* moderna a quem apenas a morte trouxe... a imortalidade.

<sup>1</sup> Descritos por McComb como «um relato épico e embaraçoso da peregrinação peculiar dos Triffids.»

**eMail:** honorato\_pim@netcabo.pt